

O hipostasiamento dos aparatos eletrônicos: do corpo a alienação

Jorge Miklos¹
Leonardo Torres²

Resumo

O trabalho objetiva identificar a existência de uma característica alienadora na relação entre usuário-máquina na contemporaneidade. Centrado na área de Ciências, o artigo proposto tem por bases as teorias de Dietmar Kamper, Norval Baitello Jr., Vilém Flusser e outros. A metodologia proposta está focada em pesquisas bibliográficas e web-bibliográficas com o enfoque de trazer dados de cunho ilustrativo, técnico e quantitativo para ambientar e complementar as teorias propostas.

Palavras-chave: Corpo; Aparatos; Alienação; Virtual.

Abstract

The study aims to identify the existence of an alienating feature in the relationship between user-machine nowadays. Focused on the area of Social Sciences, the proposed article has bases theories of Dietmar Kamper, Norval Baitello Jr., Flusser and others. The methodology is focused on literature searches and web-bibliographic with the focus to bring illustrative data, technical and quantitative to understand and complement the theories proposed.

Key Words: Body; Gadgets; Alienation; Virtual.

1 Doutor em Comunicação e Semiótica (PUC-SP) e Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista (UNIP-SP), jorgemiklos@gmail.com

2 Mestrando em Comunicação e Cultura (UNIP-SP), leosouzatorres@gmail.com

1. DO CORPO À IMAGEM

A partir da modernidade, com o estabelecimento do ritmo capitalista, alguns aparatos técnicos e físicos foram adicionados à jornada de trabalho e ao cotidiano do ser humano. Nos anos 80, segundo a emulação³ feita por Harvard Innovation Lab, um indivíduo usava, diariamente, dispositivos⁴ como o fax, telefone, computador, mapa, calendário, agenda, os quais o faziam mudar de aparatos conforme sua necessidade ou usá-los simultaneamente. Eram aparatos físicos e independentes entre si, semelhante aos da atualidade, embora mais numerosos, como é possível observar na imagem a seguir:



Figura 01: Mesa de Trabalho em 1980⁵

Posteriormente, o desenvolvimento das tecnologias de informação permitiu que alguns aparatos fossem integrados ao computador e transformados em softwares. Nos últimos anos, Castells (2000) observa que cada vez mais os dispositivos sofrem atualizações a fim de ficar com menor volume e tamanho e maior produtividade e velocidade. E ainda complementa:

As redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela. [...] nessa condição de esquizofrenia estrutural entre a função e o significado, os padrões de comunicação social ficam sob tensão crescente. E quando a comunicação se rompe, quando já não existe comunicação nem mesmo de forma conflituosa (como seria o caso das lutas ou oposição política), surge uma alienação entre os grupos sociais e indivíduos que passam a considerar o outro um estranho, finalmente

3 Ver: <http://www.b9.com.br/51851/mobile/como-tecnologia-mudou-nossas-mesas-de-trabalho/>

4 Neste trabalho os termos “aparato” e “dispositivo” são sinônimos.

5 Ver: <http://www.b9.com.br/51851/mobile/como-tecnologia-mudou-nossas-mesas-de-trabalho/>



uma ameaça. Nesse processo, a fragmentação social se propaga, à medida que as identidades se tornam mais específicas e cada vez mais difíceis de compartilhar. A sociedade informacional, em sua manifestação global é também um mundo *Aum Shinrkyo*. [...] as pessoas tendem a reagrupar-se em torno de identidades primárias: religiosa, étnicas, territoriais, nacionais. Em um mundo de fluxos globais de riquezas, poder e imagens, a busca da identidade coletiva ou individual, atribuída ou construída, torna-se a fonte básica do significado social. (CASTELLS, 2000, p. 40,41).

Neste ponto, surge uma reflexão: qual seria a justificativa da fragmentação social que Castells (2000) apresenta? Em seu livro “Os Oito Pecados da Civilização”, Lorenz (2009) ajuda a entender que esta dissociação está ligada a um fenômeno de distanciamento físico entre os indivíduos e a uma preferência pela conexão entre eles por meio de aparatos eletrônicos⁶. E basicamente, isso desenvolve-se por dois motivos⁷: a superpopulação mundial e a maximização do prazer⁸. O autor discorre que a superpopulação gera uma agressividade social pois recentemente o ser humano vive a falta de espaço físico em seu cotidiano. Em seus experimentos, John Calhoun⁹ mostra como o convívio harmonioso entre ratos corrompe-se quando existe um demorado número de animais vivendo no mesmo espaço, mesmo com alimento em abundância. Já o ser humano, ao ver-se agredido e agressor, necessita distanciar-se do outro. Então, tende a escapar, por exemplo, para o que Castells (2000) chama de rede mediada por aparatos de comunicação.

Kamper (1998), em sua obra “O Trabalho Como Vida”, identifica que houve uma tentativa de apagamento e um ataque sistemático ao corpo¹⁰ em toda a história do processo civilizatório. Sua obra discorre sobre como o cristianismo tentou, durante séculos, atingir o disciplinamento do corpo¹¹, mas falhou em reprimi-lo. Por conseguinte, o autor relaciona tal martírio com a ideia do trabalho moderno. Trazendo Max Weber, em seu livro “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, Kamper (1998) argumenta que foi o capitalismo, por meio do trabalho, que conseguiu tal proeza. Um exemplo é o filme *Tempos Modernos* de Charles Chaplin. No filme, é possível entender a diferença entre o homem moderno e o pré-moderno, o segundo tinha um corpo e uma vivência natural¹² e foi obrigado a adaptar-se ao tempo cultural do cotidiano do trabalho, ou seja, ao ritmo das máquinas, às linhas de produção, aos espaços urbanos e aglomerados de pessoas com as quais ele não estava acostumado.

Por início, esse regime da fábrica é circunscrito ao espaço do trabalho, porém,

6 Entende-se por aparatos eletrônicos: Computadores, notebooks, smartphones, tablets, televisões digitais.

7 Para aprofundar: Lorenz (2009). Cada “pecado” que o autor menciona se interrelacionam, mas o texto ficaria demasiadamente longo se apresentados todos.

8 Trataremos este assunto mais adiante.

9 Ver: <http://hypescience.com/este-estranho-experimento-evidencia-que-a-humanidade-sera-extinta/>

10 Repressão – re (de novo), pressão - não é o aniquilamento de algo, mas é uma pressão contida. São forças opostas agindo. Quanto maior a força para reprimir algo, maior a força da reação. É por isso que, historicamente, muitas vezes as reações se mostram de formas extremamente violentas.

11 Entende-se aqui corpo não somente como de um único indivíduo, mas também o corpo social e cultural.

12 Ver: Vicente Romano - O Tempo Cultural e Tempo Natural.

com o decorrer do tempo, ele foi internalizado, transbordando para o espaço social, público, íntimo e privado. Desta forma, o corpo tornou-se disciplinado tanto dentro, quanto fora da fábrica.

Do ponto de vista de uma teoria da civilização - o corpo humano esteve presente na qualidade de “objeto de troca”, de local de aplicação - absolutamente não passivo – de repressões e disciplinamentos que comumente apresentam-se sob a máscara da emancipação. Da tese da soma-sema dos platônicos, o duplo jogo de sujeição e libertação, repressão e produção (Foucault) foi conduzido com a máxima intensidade até o presente imediato. O fato de que a alma pode, enfim, ser descrita como cárcere, como também as prescrições que se fazem valer na relação com o corpo, não depende em última análise do fato de que esse cárcere encontra-se com os muros arruinados. A tese de uma totalização da repressão e do disciplinamento surge no momento em que torna-se claro o princípio da construção, e isto significa que o desenvolvimento espiritual da humanidade formou uma órbita imaginária que age, enfim, como uma espécie de cadeia para todos os esforços materiais. O desejo está sujeito à lei em todos os sentidos, e esse princípio, todavia, responde, ao mesmo tempo, a um desejo de liberdade (KAMPER, 1998, p.2).

A tese soma-sema platônica de Kamper (2002) ajuda a esclarecer o processo que faz o corpo querer transformar-se em imagem. Aqui é importante entender que tal imagem, muitas vezes, desenvolve-se sem evocação simbólica¹³, pois são projetadas e superficiais. Elas são chamadas de imagens midiáticas ou “imagens técnicas”, conforme Flusser (1985).

Dentre todas as imagens, a visual é o principal signo de comunicação social da atualidade. Castells (2000) discorre que a sociedade, lecionada pela televisão, tem instinto básico de uma plateia preguiçosa. A imagem visual é caracterizada pela sedução e estimulação sensorial da realidade. Deste modo, quando projetada, sua comunicação é facilitada, pois não é necessário um alto esforço psicológico para entendê-la. Baitello Jr. (2005) acrescenta que a visão, em seguida a audição, é sentida à distância, que ao contrário dos outros sentidos, não requerer a presença de seus objetos e nem é preciso transportar o corpo para comunicar-se.

Estas imagens são criadas com a intenção de trazer mais produtividade ao seu usuário, ou seja, estão na dimensão da alta velocidade e da instantaneidade. Castells (2000) corrobora com tal ideia quando mostra que esta instantaneidade é uma característica da sociedade em rede, a qual possui uma economia global, e sua comunicação deve ser cada vez mais veloz, flexível e em rede, reduzindo assim o espaço afim de ganhar velocidade e lucro.

Ainda assim, a imagem necessita de um suporte para se exteriorizar. Pode-se observar que os aparatos físicos abstraídos concentraram-se em poucos suportes eletrônicos



em forma de softwares, por exemplo, o computador, o smartphone, o tablet possuem uma variedade de funcionalidades cooptadas de aparatos físicos como a agenda, o mural, os mapas e outras. Essa centralização das ferramentas do cotidiano, seja para o trabalho ou para o lazer, faz o indivíduo permanecer cada vez mais em contato com seus dispositivos eletrônicos, internalizar suas práticas e, por fim, depender deles para realizar ações em seu cotidiano.

O fenômeno de aniquilamento do corpo e a imposição à velocidade e à produtividade é chamado, neste artigo, de hipostasiamento. Atualmente, segundo a Harvard Innovation Lab, uma mesa de trabalho pode ser emulada como na seguinte foto:



Figura 2 - Mesa de Trabalho anos 2013

Millwardbrown (2014) afirma que um típico usuário global utiliza seus aparatos eletrônicos por 6,95 horas diárias, sendo 5 horas seguidas. Os smartphones são os mais usados, cerca de 2,1 horas por dia. O Brasil está acima da média mundial, permanecendo 7,9 horas diárias em todos aparatos eletrônicos e 2,2 horas nos smartphones. E também o estudo identifica que os entrevistados consomem múltiplos dispositivos eletrônicos ao mesmo tempo, o que abre uma variedade de oportunidades de mídia para a divulgação de propagandas.

O hipostasiamento e o tempo de consumo dos aparatos eletrônicos reafirmam a teoria de Kamper (1998) sobre o disciplinamento do corpo. E ainda, é possível identificar uma centralização dos dispositivos eletrônicos, mesmo quando consumidos simultaneamente. Nos artigos que refletem sobre a emulação de Harvard não foi identificada uma reflexão complexa acerca do tema. E, o estudo de Millwardbrown (2014) é altamente quantitativo, sem conclusões reflexivas. Entretanto, a ideia deste artigo é refletir, a contrapelo, sobre tais dados. E, evitar discorrer sobre a facilidade e a produtividade dos aparatos eletrônicos, o que de certa forma é verdade, eles ajudam o ser humano em variadas funções em seu cotidiano. Contudo, deve-se também propor uma visão mais complexa do fenômeno.

Por conseguinte, seguindo o pensamento sobre o martírio do corpo, o hipostasiamento dos aparatos e a centralização evidenciada neste trabalho, formula-se a uma

questão: qual efeito desta centralidade das funcionalidades hipostasiadas em somente um aparato? A resposta está em olhar para o corpo conectado ao dispositivo.

Para isso, retoma-se a busca pelo prazer que Lorenz (2009) menciona. O autor discorre que desde os primeiros momentos da espécie humana no planeta terra, nunca houve um momento tão linear nas condições de conforto e sobrevivência cotidiana. Diferentemente de nossos antepassados paleolíticos, por exemplo, que tinham uma heterogeneidade em seus momentos entre fome, frio e predadores a espreita. Isso significa, para Lorenz (2009), que houve também uma homogeneidade no sentimento humano. Esse niilismo faz os indivíduos buscarem o prazer nos mais variados aspectos, seja nas drogas, nos jogos ou em dispositivos de comunicação. Contudo, a sedação é encontrada, o prazer não.

Contrera (2002), em seu livro “Mídia e Pânico”, ajuda a entender este fenômeno quando discorre sobre o anestesiamiento do corpo. A autora discorre que a mídia eletrônica, em prol de imperativos econômicos, tem um papel importante na sedação da “aesthesis”, ou seja, da percepção humana.

A aceleração é tal que o futuro condiciona o presente. São os novos meios, as novas tecnologias, que imprimem o traço característico desde fim de século. Essas formas de temporalidade impossíveis para o corpo estariam na raiz de um fenômeno vivido contemporaneamente: a anestesia. (ROMANO in CONTRERA, 2002).

Contrera (2002) complementa que, atualmente, o ser humano abdica a lentidão do tempo presente¹⁴. Assim, o corpo perde sua sensorialidade e sua propriocepção. E essa aceleração não permite o estabelecimento de vínculos¹⁵ entre indivíduos.

Então, um indivíduo que passa até 7 horas por dia interagindo em telas multimídia, busca nelas saciar suas vontades pessoais, sociais, culturais e biológicas, porém, acaba anestesiando-se. Isto aponta para o que Morin (1997) desenvolve sobre a industrialização do espírito¹⁶.

Conforme Gonçalves (2013) discorre, nos aparatos eletrônicos de comunicação é possível prever as ações de seus usuários, monitorá-los sócio, econômica e biologicamente, o que facilita na comunicação mercadológica e economiza recursos de segmentação e pesquisa de mercado, pois os próprios usuários oferecem os dados.

14 Não confundir com “instantaneidade”, a qual é o produto de uma aceleração de um tempo maquínico, fugaz e de baixa complexidade. O tempo presente é lento, complexo e contemplativo.

15 O termo será tratado adiante.

16 A segunda industrialização, ou seja, a industrialização do espírito se desenvolveu no início do século XX. A cultura e a vida privada entraram como nunca no circuito industrial e comercial. [...] Após da Segunda Guerra Mundial a sociologia americana reconhece Terceira Cultura, vinda da imprensa, do cinema, do rádio, da televisão, denominada mass culture, ou seja, cultura de massa. [...] A cultura de massa é produzida de acordo com as normas da fabricação industrial, e é propagada pelas técnicas de difusão maciça, ou seja, pela mass media, destinada à massa social. [...] Além de serem consideradas industriais e maciças, as sociedades modernas são técnicas, burocráticas, capitalistas, de classes, individualistas e burguesas. A noção de massa é, a princípio, muito limitada. (MORIN, 1997).



Assim como as informações do perfil traduzem-se em “rótulos”, a dinâmica criada para a manutenção das comunidades virtuais oferece possibilidades de que todas as ações de colaboração sejam de alguma forma “capturadas” pelos atentos sistemas de monitoramento de conteúdo das plataformas e ferramentas digitais. E, como foi tratado anteriormente, a sobrevivência das comunidades virtuais está umbilicalmente ligada à capacidade colaborativa estabelecida entre os seus integrantes. (GONÇALVES, 2013).

Além disso, Miklos (2012) comenta, em seu livro “Ciber-Religião”, que o imaginário tecnológico coopta aspectos religiosos, ligando o high-tech a variadas imagens positivas e redentoras do mundo, como se o Google fosse o novo Deus e Steve Jobs o último messias que passou pela terra.

Desta forma, eis outra pergunta: que fenômeno desenvolve um imaginário utópico, faz o usuário contribuir generosamente sobre si mesmo para ser bombardeado de publicidade e propaganda e também faz o próprio indivíduo martirizar-se, de modo a negar sua condição corporal e almejar ser uma imagem, mesmo que isso leve a um apagamento de sua alteridade?

2. DO VÍNCULO À ALIENAÇÃO

Para tanto, Miklos (2012) reflete sobre o religare, ou seja, o primeiro vínculo. O vínculo é o oxigênio do sentimento de pertinência de uma comunidade ou de ligação entre indivíduos, são eles todos participantes (cúmplices) de uma cultura. Entretanto, o autor discorre que o vínculo somente é possível com o corpo presente. Por exemplo, a autoflagelação dos mulçumanos xiitas, ou rituais de maturidade de povos indígenas, shows de rock e outros. Em certa medida, seus respectivos indivíduos (sociedade), com martírio ou não, participam presencialmente de suas culturas, envolvendo sua bios e noosfera. Então, qual é o tipo de ligação que se desenvolve entre usuários e aparatos eletrônicos, já que o primeiro vínculo (o religare) não se faz presente?

Baitello Jr e Silva (2013) discorrem sobre a existência de um determinado vínculo entre homem e máquina (ou aparelho). Os termos “máquina” e “aparelho” provêm de Flusser (2002), em seu livro “Da Religiosidade”, o qual estabelece que a máquina está na centralidade e o funcionário a orbita, consumindo seu tempo de vida. Para Flusser (2002), essa máquina pode ser tanto física quando sistêmica, ou seja, pode ser um computador, uma empresa, ou até mesmo o próprio capitalismo.

A partir disso, os autores desenvolvem um trabalho¹⁷ pontuando as características deste tipo específico de vínculo, denominando-o de “vínculo hipnógeno”, o qual cria uma conexão entre usuário e aparelho. Nesta ligação, o funcionário se predispõe a agir conforme o aparelho que ele orbita. Na medida que ele toma seu smartphone (hardware) para interagir, por exemplo, nas redes sociais, ele já está limitado pelas funcionalidades

17 Veja-se Baitello Jr., N. Silva, M. - Vínculos hipnógenos e vínculos culturais nos ambientes da cultura e da comunicação humana.

que seu smartphone: a velocidade da internet, câmera e entre outras funcionalidades. E também é limitado ainda mais em seu formato de interação nos softwares, no caso do Twitter, 140 caracteres para comunicar-se, para tentar definir quem ele é ou parece ser.

Resumidamente compreendemos, então, que a produção cultural do capitalismo atua a partir do esvaziamento simbólico da Noosfera (Mediosfera), estabelecendo uma relação de dependência entre o funcionário e o aparelho (em duas versões: a primeira, tangível, caracterizada pelo hardware e a segunda, intangível, sob a responsabilidade do software), sendo a natureza de tal vínculo estabelecida a partir de relações lúdicas. [...] De qualquer modo, ambos (culturais ou hipnóticos) são vínculos. Segundo Houaiss (2001) vínculo é, dentre outras definições: (i) aquilo que ata, liga ou aperta (duas ou mais coisas); nó, liame; (ii) o que estabelece um relacionamento lógico ou de dependência; (iii) o que liga duas ou mais pessoas; relação; relacionamento. (BAITELLO, Jr ; SILVA, 2013.)

Tendo em vista esta conceituação de vínculo hipnógeno, surge uma inquietação: é possível que tal vínculo tenha algum caráter alienatório? O termo “alienação” já foi utilizado e discutido em variados trabalhos, principalmente na área de comunicação. Entretanto, neste trabalho, busca-se uma ressignificação mais complexa e consistente.

Conforme Serra (2008), “alienar” provém de alienus, o que significa “pertencer a outro”. É também um termo que reflete ao “arrombamento do espírito”, à “anulação da alteridade”, e que torna alheios determinados bens.

E também “a alienação refere-se, fundamentalmente, a uma espécie de atividade na qual a essência do agente é afirmada como algo externo ou estranho a ele, assumindo a forma de uma dominação hostil sobre o agente (WOOD, 1998)”. O autor ainda complementa:

Estar alienado é estar separado da sua própria essência ou natureza; é ser forçado a levar uma vida na qual aquela natureza não tem oportunidade de ser cumprida ou posta em ato. Desta forma, a experiência da alienação envolve um sentido de falta de valor próprio e uma ausência de sentido da sua própria vida. (WOOD, 1998).

Conforme o dicionário de filosofia, Mora (1978) mostra que Hegel, na Fenomenologia de Espírito, entende alienação vinda da “consciência infeliz”, ou seja, “a alma alienada” seria uma “consciência de si como natureza dividida” ou “cindida”. O autor também menciona a famosa conceituação de Marx de objetificação, todavia aqui não se aprofundará nela.

Na psicologia analítica, Lyra (2002)¹⁸ discorre que no processo de alienação

18 Sonia Regina Lyra, Psicóloga, CRP 08/0745, Analista Junguiana (Inst. Junguiano SP, Assoc. Junguiana do Brasil - AJB e Intern. Association for Analytical Psychology - IAAP). Mestre em Filosofia (PUCPR) e Doutora em Ciências da Religião (PUCSP). É presidente do ICHTHYS Instituto de Psicologia e Religião.



o ego não só perde a identificação com o self – o que é desejável – como também se desvincula dele – o que é deveras indesejável. A conexão entre ego e self tem importância vital para a saúde psíquica. Proporciona fundamento, estrutura e segurança ao ego, além de fornecer a este último energia, interesse, significado e propósito. Quando a conexão se quebra, o resultado é o vazio, o desespero, a falta de sentido e, em casos extremos, a psicose ou o suicídio. É peculiar a esse estado de alienação, o fato de estar diretamente ligado com o sentimento de rejeição. (LYRA, 2002).

Neste ritmo, os autores das diferentes áreas definem o termo “alienação” como aquilo que perdeu sua essência, está para fora de si e renuncia os próprios bens, para que, de alguma forma, pertença a um outro, o qual o domina de maneira hostil.

Em síntese, a essência (alteridade) humana comente suicídio ao tentar apagar seu próprio corpo, porém, é impossível excluí-lo definitivamente. Isto posto, ele torna-se um mero peso para ser martirizado, e sua essência, um espírito industrializado. Não obstante, ainda há mais uma estratégia (hostil) para apagá-lo: a de torná-lo imagem e fazê-lo pertencer ao aparato eletrônico, que agora está na centralidade. Assim, os dispositivos eletrônicos fagocitam o corpo e o anestesiaram 7 horas por dia, injetando neles, imperativos positivistas, econômicos e dromocráticos da tecnologia. Eis seu caráter alienatório.

Resta a última dúvida: o que custa o virtual? Custa o carcerário (alma), que hoje não enxerga mais a liberdade atrás das grades (corpo) como Kamper (1998) menciona. Convido o leitor mais uma vez a olhar a imagem da mesa de trabalho dos tempos atuais e perceber que a tela pode ser uma cela.

REFERÊNCIAS

BAITELLO JR., N. O animal que parou os relógios. Annablume: São Paulo, 1997.

_____. A era da iconofagia. Ed. Hacker: São Paulo, 2005.

CASTELLS, Manuel. A Sociedade em Rede. 8. ed. Paz e Terra: São Paulo, 2000.

CONTRERA, M. S. Mídia e pânico. Annablume: São Paulo, 2002.

FLUSSER, V. Filosofia da Caixa Preta. São Paulo: Hucitec, 1985.

_____. Da religiosidade - a literatura e o senso de realidade. Ed. Escrituras, S. Paulo, 2002.

GONÇALVES, Carlos André. Comunidades Virtuais: dádivas, colaboração e apropriação capitalista. São Paulo: Trabalho de Mestrado apresentado à Universidade Paulista.

KAMPER, D. Corpo. Disponível em: <http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/iv1_futurovis.pdf>. Acesso em: 10 de set de 2015.

_____. O Trabalho Como Vida. Ana Blume: São Paulo, 1998.

- _____. Os padecimentos dos olhos. in: Castro, G. et alii Ensaios de complexidade. Sulina: Porto Alegre, 1997.
- LAFLOUFA, J. Como a Tecnologia Mudou as nossas Mesas de Trabalho. Brainstorm – B9: 2014. Disponível em: <<http://www.b9.com.br/51851/mobile/como-tecnologia-mudou-nossas-mesas-de-trabalho/>> Acesso em: 11 de set de 2015
- LORENZ, K. Oito Pecados da Civilização. Editora Humana, 2009.
- LYRA, S. R. Alienação e Experiência Religiosa. Jornal Universidade: 2002. Disponível em: <http://www.ichthysinstituto.com.br/artigos_detalhe.asp?ID=93> Acesso em: 14 de set de 2015
- MEEKER, M. Internet Trends 2014. Disponível em: <<http://www.kpcb.com/Internet-Trends>>. Acesso em: 20 de set de 2015
- MIKLOS, Jorge. Ciber-religião: A construção de vínculos religiosos na cibercultura. 1ª. ed. São Paulo: Ideias e Letras, 2012.
- MILLWARD BROWN. AdReaction 2014: Marketing in Multiscreen World. 2014.
- MORA, J. F. Dicionário de Filosofia. Editora Dom Quixote: Lisboa, 1978.
- MORIN, E. Cultura de Massas no Século XX O Espírito do Tempo 1: neurose. Forense Universitária: Rio de Janeiro, 1997.
- ROMANO, V. Ordem Cultural e Ordem Natural do Tempo. Disponível em: <<http://www.cisc.org.br/portal/index.php/pt/biblioteca/view/download/18/55.html>> Acesso em: 14 de set de 2015.
- ROMANZOTI, N. É assim que a humanidade será extinta? Disponível em: <<http://hypescience.com/este-estranho-experimento-evidencia-que-a-humanidade-sera-extinta/>> acesso em 20 de set de 2015
- SERRA, J. M. P. Alienação. Universidade da Beira Interior: Covilhã, 2008. Disponível em: <http://www.lusosofia.net/textos/serra_paulo_alienacao.pdf> Acesso em: 19 de set de 2015
- SILVA, M. R.; BAITELLO, N.; Vínculos hipnógenos e vínculos culturais nos ambientes da cultura e da comunicação humana. Grupo de Trabalho Comunicação e Cultura do XXII Encontro Anual da Compós, na Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.
- WEBER, M. A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo. Edição de Antonio Flavio Pierucci. São Paulo: Cia das Letras, 2004.
- WOOD, A. “Alienation”, in CRAIG, E. (Org.), Routledge Encyclopedia of Philosophy, Vol. 1, Londres e Nova Iorque, Routledge, 1998, pp. 178-181.
- TEMPOS Modernos. Direção de Charles Chaplin. Estados Unidos, Paulette Goddard et. al. 1936, Continental, (87 min.) preto e branco, leg.